

Em Gspon, aldeia com oito habitantes onde apenas é possível chegar de teleférico, joga-se num campo pelado a 2.008 metros acima do nível das águas do mar. Em tempo de Euro e de um clima de euforia, o contraste é gritante e ao mesmo tempo belo...

ANTONINO RIBEIRO, GSPOON

■ Escassos quilómetros antes de Visp, cidade onde nasceu Joseph Blatter, presidente da FIFA, a estrada começa a serpentejar pela montanha, ao encontro dos céus nem sempre pintados de azul. Um rio de águas revoltas corre à nossa direita, encosta abaixo, enquanto um comboio de um vermelho vivo, num perfeito contraste com o verde da paisagem, desliza suavemente pelos carros, como que desejando não perturbar aquele doce chilrear dos pássaros em perfeita harmonia com a natureza.

Cheira a terra húmida e as nuvens ameaçam com chuva. Pequenas gotículas caem das árvores curvadas pelo vento. Em Stalden, no cruzamento que obriga a optar entre Zermatt e Saas Fee, duas das estações de Inverno mais famosas da Suíça, uma faixa estreita de alcatrão conduz-nos até Staldenried, um pequeno burgo onde o mundo parece acabar. Contíguo ao único restaurante da aldeia, onde a cerveja e o vinho justificam insistentes brindes, um teleférico anuncia que o horizonte não termina ali.

VISÃO FANTÁSTICA. Como um pássaro gigante, inicia a subida íngreme, ao mesmo tempo que proporciona uma visão fantástica à nossa volta. Três camurças, animais conhecidos pela sua agilidade e timidez que habitam nas regiões entre as encostas florestadas e a linha da neve, observam o teleférico que riscal os céus tingidos de cinzento. Sete minutos depois de ter iniciado o trajecto, chega ao destino. À direita, um pequeno hotel em madeira, mais adiante a bonita capela de Santa Ana, onde ocasionalmente se celebra missa; sobre a esquerda, um modesto restaurante e um caminho sinuoso que ziguezagueia pela colina.

O futebol no tecto da Europa



FOTOS MIGUEL BARREIRA



A CAMINHO.
O teleférico faz a ponte entre Staldenried e o Gspon Arena, onde se joga futebol



Estamos em Gspon, a 1.899 metros de altitude, numa aldeia que não conhece carros – e dentro de minutos estaremos no campo de futebol mais alto da Europa. A 2.008 metros acima do nível das águas do mar, com os picos cobertos de neve a servirem de vigilantes,

o desporto que apaixona milhões e arrasta multidões também é uma realidade. Durante dois dias, em tempo de Euro'2008, Record sentiu como Gspon vive, de forma entusiástica, o futebol, na sua componente masculina e feminina.

Nas páginas seguintes, o

contraste com a euforia da competição organizada pela Suíça e pela Áustria é, simultaneamente, gritante e belo. É o desporto na sua verdadeira pureza, quase tão puro como o ar que se respira. Bem-vindos ao futebol no tecto da Europa. □

PUBLICIDADE

FÉRIAS ALBUFEIRA

Vivendas privadas com piscina e apartamentos.
Junho/Julho/Setembro desde 17,00€/pessoa/noite mínimo 4 adultos.
Tel.: 289 542 020 - marketing@jcr-group.com

OS PREPARATIVOS
PARA UM JOGO
REPLETO DE EMOÇÕES

ANTONINO RIBEIRO. GSPO

■ Como algodão, as nuvens namoram os picos da montanha que recortam o horizonte, um cenário que nos transporta, com alguma nostalgia, para os filmes da Heidi. Pouco passa das duas da tarde, quando os jogadores começam a chegar ao Gspon Arena, como é pomposamente designado o campo de futebol mais alto da Europa. Carregam os sacos, calçam botas de montanha, vestem jeans e blusões quentes. Chove e faz frio na aldeia.

À primeira vista, o clima é de alguma tensão entre os rapazes do FC Gspon, mais descontraído entre o adversário, o FC Spycher. Na cave de uma casa de madeira funciona o balneário da equipa da casa; o piso térreo, com ares de garagem, bem mais

Os jogadores têm quase todos o mesmo apelido e há vários primos na equipa. Os Abgottspom, os Brigger...

modesto, é utilizado pelo adversário, líder do campeonato. Numa varanda com vista para o terreno de jogo, o árbitro, equipado a rigor, com o seu fato oficial, trata dos últimos preparativos. Chama-se Seljmani Muharem, é macedónio, e a convivência com os portugueses residentes na Suíça fez-lhe aumentar o vocabulário dos palavrões. Enquanto revela os seus conhecimentos na matéria, escreve os nomes dos jogadores do Gspon na ficha de jogo.

Tobias, Alain, Diego, Valentín, Martin, Andy, Sascha, Silvio e Dário têm em comum o nome de família – são todos Abgottspom; Carlo, Mark, Philipp, Boris e Harry são do clã Brigger: "Gspon é um lugar muito pequeno, os jogadores são, na sua maioria, de Stalden e há vários primos na equipa", justifica-se Andy, o responsável pelo site do clube.

TENSÃO. No balneário, os jogadores recolhem-se ao silêncio. A concentração é máxima e os trejeitos são de alguma ansiedade. Não há sorrisos. Minutos depois, estão no campo, pisando as linhas marcadas a serradura. O treinador, o único que parece descontraído, dá instruções para iniciarem o aquecimento. Lentamente, os adeptos começam a chegar e a procurar os lugares mais confortáveis. Há bancos de madeira junto a uma das linhas laterais e quem não esqueça uma manta para proteger as pernas do frio. A essa hora, quando falta pouco para o início do encontro, o bar já está aberto. Um dos espectadores paga uma rodada.

A festa já começou entre os adeptos, começa a beber-se como se estivéssemos na antecâmara do fim do Mundo e os jogadores, sempre nervosos, não tardam a dar início ao encontro a 2.008 metros de altitude. □



DUELLO. A 2.008 metros de altitude, as equipas do FC Gspon e do FC Spycher defrontam-se num jogo emotivo

O caminho das estrelas



NA MONTANHA NEM SEMPRE O FUTEBOL É UMA PRIORIDADE

3.000 litros de cerveja

■ Uma menina, de cabelos bem loiros e olhos claros, encosta-se à linha lateral e começa a gritar "Hoop Gspón, Hoop Gspón". A equipa não entra bem no jogo, o futebol não flui e rapidamente fica em desvantagem de dois golos que não parecem recuperáveis à primeira vista. Homens e mulheres, já em número razoável, desdramatizam o resultado e continuam a beber. Uns preferem bebidas energéticas, outras entregam-se aos prazeres do álcool. "No fim-de-semana do Euro, em Gspón, beberam-se 3.000 litros de cerveja", haveria de contar, no final do jogo, já no bar, Andy Abgottspón.

Uns dias antes, no mesmo local, teve lugar o Campeonato da Europa das aldeias de montanha. Sete seleções, representadas por outros tantos clubes, transformaram a bucólica Gspón num lugar de romaria.

Nas bancadas improvisadas, espremendo-se encosta acima, mais de quatro mil espectadores, entre eles o conhecido Pirmin Zurbriggen, quatro vezes campeão do mundo de esqui. Além do clube anfitrião, aceitaram o convite o TSV Rugendorf (Alemanha), o Zuma GH (Espanha), o FC Piedimulera (Itália), o FC Kleinarl (Áustria), o SC Morzine-Avoriaz vallé d'Aulps (França), o SC Buitenveldert (Holanda) e o Kista FC (Suécia). Realizada em três dias, a prova teve como vencedor a Espanha, que se impôs na final à Suécia (2-0), enquanto os helvéticos terminaram em terceiro lugar, depois de derrotarem a França nas grandes penalidades (6-5).

VIRILIDADE E SANGUE. A pequena continua a gritar e a incitar o FC Gspón e, por momentos, a esperança é devolvida. Wolfgang Furrer, um dos poucos na equipa que não assina Abgottspón nem Brigger, marca um

dos golos e releva conceitos de futebol que não estão ao alcance da maioria dos outros. Joga-se com virilidade, a chuva não incomoda, o sangue é visível na pele de alguns dos mais aguerridos. O respeito pelo adversário está sempre presente. E a cerveja também.

O FC Gspón chega ao empate e por essa altura já o carvão arde no interior do bar. Da chaminé, sai o fumo que transmite ainda maior misticismo ao local. As sal-

sichas esperam em cima do balcão onde se perfilam cada vez mais garrafas de Cardinal, vendidas a três francos suíços, qualquer coisa como dois euros.

BOLAS PERDIDAS. Valentin Abgottspón, responsável pela parte das obras no Gspón Arena e médio da equipa, esforça-se por incutir maior dinâmica nos companheiros. Mas uma desatenção conduz ao terceiro golo do FC Spycher, mesmo à beira



Um dia antes, no mesmo local, teve lugar o Campeonato da Europa das aldeias de montanha. Participaram sete seleções"

Apesar da rede de 30 metros de altura, "todos os anos perdemos umas 20 bolas"

do intervalo, não sem que antes uma bola deslize encosta abaiixo, apesar da protecção de uma rede com 30 metros de altura. "Todos os anos perdemos umas 20 bolas", conta com um sorriso Andy Abgottspón. No final dos jogos, a divisão é inevitável: uns correm à procura das bolas, outros correm para o bar, modalidade que tem uma maior adesão entre os jogadores e adeptos. Chove, uma chuva miudinha, e os espectadores juntam-se no interior do bar. Há grades e grades de cerveja, há salsichas já a grelhar, na expectativa de que o final do jogo coincida com um acréscimo de apetite. As garrafas erguem-se no ar, como se a ideia fosse tocar os picos de neve. Prost!



ARRANQUE O jogo está prestes a começar. É tempo de concentração e do "grito de guerra". Os jogadores estão prontos para a... batalha. Mas o estado do terreno não é o melhor e isso percebe-se logo nos exercícios feitos durante o aquecimento

RITUAL
À decepção pela derrota, segue-se um hábito... contam-se as mazelas no corpo, fuma-se um cigarro à porta do balneário e bebem-se umas cervejas na companhia dos adeptos e de... amigas



ESTREIA DA EQUIPA FEMININA NO GSPOON ARENA MARCADA PELA TRISTEZA

ANTONINO RIBEIRO. GSPOON

■ "Hoop Gspoon, Hoop Gspoon", os cânticos continuam a ouvir-se, agora com mais insistência. A pequena não desiste, os homens são mais discretos, as mulheres empolgam-se. Um golo do FC Spycher ajuda a explicar a liderança da equipa no campeonato e quase que derrota psicologicamente o FC Gspon. As tentativas de chegar mais longe são infrutíferas.

Wolfgang, o tal que não é Abgottspoon nem Brigger mas Furrer, já abandonou o campo e caminha, solitário, de cigarro na boca, em direção ao teleférico. O jogo corre para o final e um desentendimento entre dois jogadores leva o árbitro do encontro, o perfeito conhecedor dos palavrões portugueses, a mostrar um vermelho. "Este tipo é sempre a mesma coisa. Já estou farto", admite no final, enquanto escreve o relatório, na sua varanda virada para a montanha.

Os jogadores do FC Spycher, ainda que educadamente, tentam pressionar Seljmani Muharem, mas não o conseguem demover. Não haverá perdão e o jogador expulso irá mesmo cumprir um castigo nunca inferior a dois jogos. Na montanha, a 2.008 metros de altitude, os árbitros são honestos e não se deixam influenciar. E os jogadores, derrotados ou vencedores, rumam ao bar, onde a cerveja continua a rodar, onde homens e mulheres sniffam tabaco, onde o fumo da churrasqueira se mistura no ar com as nuvens que continuam a parecer algodão. Há quatro anos que o FC Gspon não perdia no campo mais alto da Europa e Valentim Abgottspoon, triste com a derrota, regressa a Staldenried a correr, como um solitário, através dos caminhos que serpenteiam a montanha. Dentro do bar, as vozes misturam-se, o ambiente é descontraído; fala-se do acontecimento do dia seguinte.



MIGUEL BARREIRA

Neves fora nada

As duas equipas do FC Gspon, a masculina e a feminina, tiveram uma jornada para esquecer. Perderam ambas, em casa, no campo mais alto da Europa vigiado pelos picos cobertos de neve

ESTREIA. Abba, a cadela que rivaliza com um São Bernardo, cão dos seus 85 quilos, no Hotel Alpenblick, o único em Gspon, está sentada sobre as patas traseiras e parece olhar com estupefacção as mulheres que evoluem no pelado do Arena Gspon. O dia é especial e marca a estreia da equipa feminina perante o seu público. Furrer e Abgottspoon são os apelidos mais vistos na ficha técnica. Os resultados nos dois encontros anteriores, em Saas e em Bürchen, não indicam nada de bom.

E os momentos iniciais do jogo ecoam nos céus ainda pintados de cinzento. As jovens, umas mais do que outras, agradecem o apoio dos adeptos. É tempo, uma vez mais, de rever o bar, de beber umas cervejas, de cheirar tabaco, de descer a encosta e apanhar o teleférico.

Mas Doris Summermatter, a filha do treinador, falha. "Esta é a nossa primeira época, não temos experiência. Estábamos muito nervosas e exaltadas. Falhei aquele golo no final e tenho a impressão de que o meu pai não irá deixar-me sair hoje à noite."

Dois meninos, com chocais na

mão, apoiam a equipa, os gritos "Hoop Gspon, Hoop Gspon" ecoam nos céus ainda pintados de cinzento. As jovens, umas mais do que outras, agradecem o apoio dos adeptos. É tempo, uma vez mais, de rever o bar, de beber umas cervejas, de cheirar tabaco, de descer a encosta e apanhar o teleférico. Para trás, solitário, fica o campo mais alto da Europa vigiado pelos picos cobertos de neve. E uma estranha neblina abate-se sobre Gspon, conferindo ao lugar um ambiente fantasmagórico.

**OBRIGADO.** Apesar da pesada derrota (0-6), as jogadoras do Gspon festejam com o seu público**APITO FINAL.** Terminado o jogo é tempo de descer a montanha...